

A UTILIZAÇÃO DA MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE EVANGELIZAÇÃO NO BRASIL

Riolando Azzi

Até meados do século XVI a presença clerical foi muito escassa na nova colônia lusitana, resultando daí um certo afrouxamento nas normas morais impostas e mantidas na Metrópole.

Desde a sua chegada a Salvador em 1549, os religiosos da Companhia de Jesus assumiram não apenas o compromisso da evangelização dos indígenas como também da reforma dos costumes praticados pelos colonos lusitanos. A finalidade precípua era transformar o Brasil num verdadeiro Estado Cristão, ou seja, numa Cristandade.

Dez anos após, em carta escrita ao ex-governador Tomé de Souza, o superior provincial Manoel da Nóbrega rememorava esse duplo projeto de missão jesuítica:

"Desde que nesta terra estou que vim com Vossa Mercê, dois desejos me atormentavam sempre: um, de ver os cristãos destas partes reformados em bons costumes, e que fossem boa semente transplantada nestas partes, que dessem cheiro de bom exemplo; e outro, ver disposição no gentio para se lhe pregar a palavra de Deus, e eles fazerem-se capazes da graça, e entrarem na Igreja de Deus"...¹

A educação dos meninos foi o principal meio adotado para a conversão dos indígenas. Quanto aos cristãos lusos, diversas medidas foram tomadas.

¹ NÓBREGA, Manoel da, *Cartas do Brasil*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1988, p. 192.

Um exemplo típico é a ação da Companhia contra a blasfêmia, como assinalava já em 1549 o mesmo Pe. Nóbrega:

“Alguns blasfemadores públicos do nome do Senhor havia, os quais admoestamos por vezes com sermões, lendo-lhes as penas do direito, e admoestando ao Ouvidor Geral que atentasse por isso. Glória ao Senhor, vai-se já perdendo este mau costume, e se acontece cair alguém no mau costume, vem-se a mim pedir-me penitência. nestes termos está esta gente”.

Em seguida, acrescenta este tópico bem expressivo:

“Agora temo que vindo o Vigário Geral que já é chegado a uma povoação aqui perto, se ousem a alargar mais. Eu ladrarei quanto puder”².

O projeto reformador, de fato, era exclusivo da Companhia de Jesus, não contando geralmente com a colaboração do clero secular, mais condescendente com o modo de vida dos colonos lusitanos³.

Além do fortalecimento dos laços familiares, mediante o combate à mancebia, os religiosos estabeleceram também um rígido controle das manifestações artísticas e literárias, visando eliminar o que fosse considerado atentatória à moral cristã.

Antes da vinda dos religiosos, eram comuns entre os colonos cantigas populares portuguesas, nas quais a temática do amor e da sexualidade ocupava lugar importante.

São, porém bem escassas as informações sobre essa música designada como profana no século XVI. Isso se deve em parte ao projeto reformista empreendido pela Companhia de Jesus, visando criar uma sociedade marcadamente católica, e coibindo de forma rígida as manifestações consideradas inadequadas.

Segundo Teófilo Braga, a reação contra as músicas populares fora conseqüência não só da rigidez moralista da mentalidade tridentina, como também da própria aristocratização da Igreja na Península Ibérica:

“Mas a Igreja aristocratizando-se, baniu o povo da participação dos atos cultuais, e reagiu por meio de censuras e proibições episcopais contra os costumes das Vigílias e Atos Populares, contra cantigas profanas, como vestígios de paganismo e como resultado de degradação moral. Ao passo que na Igreja prevalecia um rigorismo aparente de disciplina, exagerado

² NÓBREGA, Manoel da, o.c., pp. 80-81.

³ Vide AZZI, Rioldo, *A introdução do celibato eclesiástico no Brasil* in Revista de Cultura Vozes, 1990, julho-agosto, pp. 449-465.

depois do Concílio de Trento e sob o influxo dos jesuítas, estabelecendo-se uma moral acomodatória para as classes preponderantes, reguladas pelos intuitos dos diretores espirituais, mas recrudescu a severidade contra os cantos e danças do povo, condenando-se nos índices expurgatórios todos os livros que poderiam levar alguma distração a sua pobre alma”.

E o autor conclui com bastante rigor sua avaliação sobre a ação da Companhia de Jesus na metrópole lusitana:

“Os jesuítas, na imposição da supremacia católica, desnacionalizaram por todas as formas o espírito português na educação da mocidade, e na direção das famílias nobres; entre o povo atacaram sempre os cantos e tradições que o alentavam, e em especial as representações dramáticas”⁴.

A música instrumental e o canto apresentam-se com frequência vinculados a outras manifestações culturais e artísticas, como danças, encenações teatrais, procissões, com utilização mais freqüente durante as celebrações festivas.

Não obstante, este estudo visa apenas a análise das expressões musicais adotadas na ação missionária do século XVI.

A fim de combater a presença de músicas de sabor profano na colônia, os jesuítas iniciaram a promoção de cantos religiosos. É o que afirmava o Pe. Francisco Gonçalves em carta de 1567:

“Também se edifica de ouvir cantar os meninos cantares devotos e diversos, os quais se lhes dão acomodados aos tempos, e estorvam com eles outros muito pouco honestos, e que escassamente se podem ouvir sem ofensa de Deus Nosso Senhor”⁵.

Foi através da educação dos meninos que os discípulos de Santo Inácio passaram a exercer sua ação reformadora na esfera musical, visando coibir os cantos “pouco honestos”.

Mas foi principalmente em relação aos indígenas que os jesuítas procuraram exercer uma ação moralizadora na esfera musical.

A educação musical

Um dos aspectos que logo chamou a atenção dos europeus vindos para as terras brasileiras foi a importância que os indígenas davam aos

⁴ BRAGA, Teófilo., *História da poesia popular portuguesa*, Lisboa, Vega, 1987, pp. 392-393.

⁵ *Cartas avulsas, 1550-1568. Azpilcueta Navarro e outros*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1988, p. 519.

cantos e às danças. Tanto os cronistas leigos como eclesiásticos deram ênfase a essa característica da cultura indígena.

Preocupados com sua evangelização, os jesuítas decidiram dar prioridade à educação dos meninos — os curumins — como estratégia destinada a atingir numa segunda etapa as pessoas adultas.

Visando aproximar as crianças indígenas da cultura lusitana, os missionários solicitaram ao rei de Portugal que enviasse alguns órfãos,, a fim de serem educados juntamente com os filhos dos indígenas. Em seguida, passaram a receber em suas escolas também mestiços, filhos de portugueses com mulheres índias.

A meta principal era a alfabetização: ensinar a ler e escrever em português. Em seguida, acrescentavam conhecimentos de aritmética e de música: contar e cantar.

Numa informação da Província do Brasil enviada ao Superior geral da Companhia, Anchieta declarava:

“Os filhos dos índios aprendem com os nossos padres a ler e a escrever, contar, cantar e falar português, e tudo tomam muito bem”⁶.

Pouco a pouco, as primeiras escolas destinadas prioritariamente aos meninos indígenas foram sendo substituídas por colégios, onde a educação dos filhos dos colonos passou a ocupar um lugar hegemônico. Também nessa nova etapa, a música continuou a representar um setor importante da ação educativa. É o que observa Fernão Cardim por ocasião da visita do Pe. Cristóvão de Gouveia ao colégio da Bahia”:

“Os estudantes de humanidades, que são os filhos dos principais da terra, indo o padre à sua classe, receberam com um breve diálogo, boa música, tangendo e dançando muito bem, porque se prezam os pais de saberem eles esta arte”⁷.

A educação musical, portanto, constituiu uma característica importante da formação cultural e religiosa empreendida pelos jesuítas tanto junto aos meninos indígenas e mestiços, como junto aos jovens lusos nascidos na metrópole ou na colônia.

As cantigas devotas

As primeiras músicas ensinadas pelos missionários eram cantigas devotas.

⁶ ANCHIETA, José de, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1988, p. 444.

⁷ CARDIM, Fernão, *Tratado da Terra e da Gente do Brasil*, São Paulo, Ed. Nacional, 1978, p. 178.

Segundo informação de Nóbrega, foi Azpilcueta Navarro quem desde a chegada em 1549 começou a fazer com que os filhos dos índios aprendessem essas cantigas. A finalidade principal era evitar que continuassem a utilizar cantos tradicionais, cujo conteúdo erótico era denunciado pelo jesuíta. Eis como ele descreve a atuação do seu confrade:

"À noite ainda fez cantar aos meninos certas orações que lhes ensinou em sua língua deles, em lugar de certas canções lascivas e diabólicas que d'antes usavam"⁸.

Esses cantos católicos não eram senão orações musicadas.

Em carta de 15 de março de 1555, também Anchieta dava a seguinte notícia sobre o colégio de índios fundado em Piratininga:

"Dia de São Lourenço, se deram algumas roupas a alguns deles do pano que El Rei dá de esmola, cousa com que folgam muito; e assim as mais das noites se ajuntam a cantar coisas de Deus em sua língua"⁹.

Muitas canções, portanto, já eram traduzidas para a língua tupi. Nessas cantigas eram mantidos com freqüência os ritmos e o acompanhamento musical próprio da tradição indígena.

As cantigas devotas, aliás, eram usadas como verdadeiro instrumento de evangelização e catequese. Com freqüência, os religiosos da Companhia e os meninos órfãos lusitanos utilizavam esse tipo de música para atrair os indígenas para as missões. Em 1552, escrevendo de Salvador, Vicente Rodrigues informava:

"Andavam os meninos órfãos que mandavam do reino e estão neste colégio pelas aldeias, pregando e cantando cantigas de Nosso Senhor na língua da terra declarados"¹⁰.

A mesma notícia encontra-se em Manoel da Nóbrega:

"Este colégio dos meninos de Jesus vai em muito crescimento, e fazem muito fruto; porque andam pelas aldeias com pregações e cantigas de Nosso Senhor pela língua, que muito alvoroça a todos" ...¹¹.

⁸ NÓBREGA, Manoel da, o.c., p. 105.

⁹ ANCHIETA, José de, *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1988, pp. 95-96.

¹⁰ *Cartas avulsas, 1550-1568. Azpilcueta Navarro e outros*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1988, p. 144.

¹¹ NÓBREGA, Manoel da, o.c., p. 129.

Os meninos índios também eram preparados para essa missão catequética, na medida em que eram considerados mais aptos pela prática das virtudes e pela inteligência.

Não obstante, ao chegar ao Brasil em 1551, o primeiro bispo Dom Pedro Sardinha manifestou estranheza e desgosto ao ver que os jesuítas utilizavam os “costumes gentílicos” para prestar o culto a Deus.

Em vista da intransigência episcopal, Nóbrega dirigiu-se ao padre mestre Simão, fazendo várias consultas, entre elas sobre a legitimidade das adaptações musicais:

“Se nos abraçarmos com alguns costumes deste gentio, os quais não são contra a nossa fé católica, nem são ritos dedicados a ídolos, como é cantar cantigas de Nosso Senhor, em sua língua, pelo seu tom, e tanger seus instrumentos de música, que eles usam em suas festas, quando matam os contrários, e quando andam bêbados, e isto para os atrair a deixarem outros costumes essenciais, e prometendo-lhe e aprovando-lhes estes, trabalhar por lhes tirar os outros ...”¹².

Em vista das restrições por parte do prelado D. Sardinha e das dificuldades encontradas na própria ação educativa entre os indígenas, os jesuítas começaram já nas últimas décadas do século XVI a dar maior ênfase à educação dos filhos dos lusitanos, havendo dessa forma também interesse maior pelo próprio canto litúrgico utilizado pela Metrópole.

Os cantos litúrgicos

Durante as primeiras décadas do século XVI, as cerimônias litúrgicas foram realizadas de forma bastante precária pelos poucos clérigos instalados na colônia.

Com a chegada dos jesuítas o culto litúrgico passou a ser promovido com mais intensidade, pelo interesse desses religiosos com relação às cerimônias eclesiais. Nesse mesmo ano, Nóbrega assinalava que era necessário realizar a liturgia pelos moldes romanos, consagrados nessa época pelo Concílio Tridentino:

“Temos muita necessidade de batistérios, porque os que cá vieram não valiam nada, e não de ser romanos e bracarenses, porque os que vieram eram venezianos, e assim de muitas capas e ornamentos, porque havemos de ter altares em muitas partes, e imagens e crucifixos, e outras coisas

¹² NÓBREGA, Manoel da, o.c., p. 142.

¹³ NÓBREGA, Manoel da, o.c., p. 86.

semelhantes, o mais que puder, tudo o que nos mandaram que lá ficava, veio a muito bom recado"¹³.

Os materiais para o culto começaram logo a chegar, conforme informava o superior jesuíta no ano seguinte:

"Recebemos aqui tudo segundo nos haveis escrito, isto é, duas caixas com livros e os ornamentos para as igrejas, os quais eram muito necessários porque com a ajuda do Senhor se farão igrejas em muitos lugares. Quiséramos que nos mandásseis mais algumas companhias pequenas e grandes e igualmente cálices, ainda que sejam de metal, não podendo mais ser, e tudo o que é preciso para a missa, com vinho e farinha..."¹⁴.

O exemplo dos jesuítas, que tinham condições de obter o que desejavam através da própria Ordem, estimulou também alguns clérigos seculares a se esforçarem por solenizar melhor as cerimônias do culto. É o que se deduz da carta de 3 de agosto de 1550, enviada a El-Rei D. João II, na qual o licenciado Manoel Lourenço, pároco de Salvador, faz o seguinte pedido:

"É também necessário que mande prover a igreja de ornamentos necessários, sem fazer conta dos que na Casa da Índia me deram por seu mandado, que não foram mais do que duas vestimentas muito velhas. Os padres da Companhia de Jesus guardam os seus tão bem, que para um dia de Natal me emprestam, com muito trabalho, uma vestimenta. E mande livros de estante e alguns de cantos de órgão, porque na terra há quem sabe cantar, e de coro"¹⁵.

Provavelmente com a expedição de Tomé de Souza, tinham vindo também alguns músicos para a nova sede do governo geral da colônia. Assim sendo, também os leigos e o clero secular passaram a valorizar o canto eclesástico.

Com a chegada do primeiro bispo em 1551, o canto litúrgico assumiu maior solenidade. Em carta do ano seguinte endereçada ao Padre Mestre Simão, Nóbrega informava a respeito o prelado:

"Disse missa em pontifical, de Nossa Senhora de agosto, coisa tão nova e de tanto espanto nesta terra, e eu e os outros padres ministramos ali com capas, e folgaram muito V. Revma. de ver por quão bem o fazíamos, não o havendo feito nunca"¹⁶.

Como o mestre de capela que trouxera de Portugal não se adaptara ao clima do Brasil, D. Sardinha escrevia a D. João III, a 12 de julho de

¹⁴ NÓBREGA, Manoel da, o.c., p. 111.

¹⁵ ROBERT, Arlindo, *A Igreja no Brasil*, Santa Maria, Ed. Pallotti, 1981, v. 1, p. 345.

¹⁶ NÓBREGA, Manoel da, o.c., p. 141.

1552, solicitando que fosse contratado um outro mestre de música para a nova sede de Salvador:

"Haverá dois dias que chegou da capitania do Espírito Santo um Francisco de Vacas, muito grande músico e cantor, já há muitos anos que por sua vontade veio a estas partes, o qual foi companheiro do padre Penhafil, cantor de V. A.; este Francisco de Vacas se me ofereceu que ensinaria nesta cidade e seria mestre de capela, e se faria clérigo se lhe dessem uma prebenda nesta Sé, e por eu não ter já nenhuma que lhe dar, parecia que V. A. lhe devia dar o arcediagado, e lançar mão deste, tanto por ser já muito afeiçoado a esta terra, como por ser mui destro no canto, e ter boa fala; e ter grande veia por fazer, e pôr em ordem os ofícios divinos; e com ter cá este homem e mandar-nos uns órgãos poder-se-ia excusar os vinte mil réis do mestre capela que veio comigo, o qual não está contente da terra, nem faz o seu ofício com vontade, e segundo mostra, parece-me pouco há de esperar nele, e a mim não me pesará nada que ele se vá, porque é muito trabalhoso e ronceiro em fazer seu cargo".

O mestre de capela era João Lopes, que embora substituído, não voltou ao reino. Foi reabilitado no seu cargo após a saída de Francisco de Vacas, chegando à dignidade de chantre.

O bispo concluiu a carta com esta insistência significativa:

"Não esqueça V. A. de mandar cá uns órgãos, porque segundo este gentio é amigo de novidades, muito mais se há de mover por dar um relógio e tanger órgãos que por pregações e admoestações" (17).

Os jesuítas, de fato, tinham desde o início percebido a importância da música como instrumento de evangelização e catequese. Por isso, logo que possível, os meninos indígenas foram preparados a fim de participarem das cerimônias litúrgicas.

A 4 de agosto de 1556, o irmão Antônio Blasques assim informava sobre o trabalho realizado pelo seu confrade Antônio Pires com os meninos índios na missão de rio Vermelho, na Bahia:

"Porque ultra da lição, doutrina, ensina-lhes o irmão a cantar missa e dizer a Salve, a qual sabem já e cantam por si com alguns intróitos da missa, conformando-se em tudo com a ordem de São Vicente"¹⁸.

Em carta de 1559, Nóbrega assinalava os progressos obtidos entre os meninos da missão de São Paulo, nos arredores de Salvador:

¹⁷ RUBERT, Arlindo, o.c., v. I, p. 350.

¹⁸ *Cartas avulsas, 1550-1568. Azpilcueta Navarro e outros*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1988, p. 185.

“Estes sabem bem a doutrina e coisas da fé, lêem e escrevem, já cantam e ajudam já alguns a missa ... Depois da escola há doutrina geral a toda a gente, e acaba-se com Salve cantada pelos meninos e as Ave Marias”¹⁹.

O resultado obtido nessa ação educativa é confirmado pelo testemunho de Fernão Cardim, ao descrever a festa de Reis de 6 de janeiro de 1584, celebrada pelo Pe. Cristóvão Gouveia numa aldeia indígena com o batismo de cerca de 30 adultos:

“Em todo o tempo do batismo houve boa música e motetes, e de quando em quando se tocavam flautas. Depois disse missa com diácono e subdiácono, oficiada em canto d’órgão pelos índios, com suas flautas, cravo e descante: cantou na missa um mancebo estudante alguns salmos e motetes com extraordinária devoção”²⁰.

O cronista jesuíta faz também referência à festa de Santa Isabel, celebrada em modo análogo no dia 3 de julho na aldeia do Espírito Santo:

“Ao dia seguinte, dia da Visitação de Santa Isabel ... o padre visitador disse missa cantada com diácono e subdiácono, oficiada em canto d’órgão pelos índios com suas flautas”²¹.

O mesmo Cardim informava a respeito da festa das Onze Mil Virgens em Salvador:

“A missa foi oficiada com boa capela de índios, com flautas, e de alguns cantores da Sé, com órgão, cravo e descantes”²².

Desde o início, portanto, o canto litúrgico foi logo executado mediante o acompanhamento de instrumentos musicais.

Os instrumentos musicais

De início os jesuítas procuravam que os meninos órfãos não apenas cantassem em ritmos indígenas, mas que soubessem também tocar seus instrumentos musicais.

Mas o prelado D. Sardinha reprovou de modo categórico esse costume. Em carta enviada ao provincial dos jesuítas Simão Rodrigues, ele comunicava:

¹⁹ NÓBREGA, Manoel da, o.c., p. 179.

²⁰ CARDIM, Fernão, o. c., p. 183.

²¹ CARDIM, Fernão, o. c., p. 178.

²² CARDIM, Fernão, o. c., p. 202.

"Antes que eu viesse, os meninos órfãos tinham o costume de cantar nos domingos e festas hinos de N. Senhora em tom gentílico, e tocaram certos instrumentos que estes bárbaros tangem e cantam quando querem beber seus vinhos e matar seus inimigos. Conversei sobre isso com o padre Nóbrega e com algumas pessoas que conhecem a condição e o modo de ser destes gentios ... e percebi que estes gentios se gabam de que eles são bons, pois os padres e meninos tangiam seus instrumentos e cantavam a seu modo".

E o prelado acrescentava com certa irritação:

"Digo que os padres tangiam, porque em companhia dos meninos vinha um religioso sacerdote, Salvador Rodrigues, tangia, dançava e saltava com eles. E por isso, ser em favor da gentilidade, como pelo pouco fruto de fé e conversão, e pela diminuição do prestígio da Companhia ... proibi tal coisa, a fim de tirar esses costumes gentílicos que tão mal parecia a todos"²³.

O texto da carta exprime com bastante nitidez a mentalidade do prelado. Sua preocupação como administrador da religião católica no Brasil não se restringia apenas em colocar em evidência a superioridade da cultura lusitana e européia sobre a cultura indígena, como também procurava assinalar a oposição existente entre ambas. Segundo ele, a conversão dos indígenas somente seria possível à medida em que renunciassem de fato aos seus valores culturais, e acolhessem os costumes trazidos pelos colonizadores lusitanos.

Em vista do veto episcopal, passaram a ser utilizados apenas instrumentos musicais trazidos de Portugal.

O instrumento por excelência do canto litúrgico era o órgão. Os jesuítas procuraram logo utilizá-lo em todas as suas principais residências. Aliás, o próprio D. Sardinha manifestara interesse análogo com relação à cidade de Salvador, como foi referido anteriormente.

Além disso, os religiosos fizeram também vir da Metrópole cravos, violas e flautas, instrumentos adequados para o acompanhamento das celebrações rituais.

Em vista de sua natural aptidão, os meninos indígenas foram logo treinados para tocar alguns instrumentos musicais, sobretudo as flautas.

Ao referir-se às aldeias indígenas de Espírito Santo, Santo Antônio e São João, nos arredores de Salvador, Fernão Cardim informa:

²³ LEITE, Serafim, *Cartas dos Primeiros Jesuítas no Brasil*, São Paulo, Ed. IV Centenário, 1954, v. 1, pp. 359 ss.

"Em todas estas três aldeias há escola de ler e escrever, aonde os padres ensinam os meninos índios: e alguns mais hábeis também ensinam a contar, cantar e tanger; tudo tomam bem, e há já muitos que tangem flautas, violas, cravos, e oficiam missas em canto d'órgão, coisas que os pais estimam muito. Estes meninos falam português, cantam à noite a doutrina pelas ruas, e encomendam as almas do purgatório"²⁴.

A música, como já ressaltai, era não só instrumento de culto como também de catequese.

Em 1583, Cristóvão Gouveia visitou a aldeia indígena do Espírito Santo:

"Chegando o padre à terra começaram os flautistas tocar suas flautas com muita festa, o que também faziam enquanto jantamos debaixo de um arvoredor de árvores muito altas. Os meninos índios, escondidos em um fresco bosque, cantavam várias cantigas devotas enquanto comemos, que causavam devoção, no meio daquelas matas, principalmente uma pastoral feita de novo para o recebimento do padre visitador seu novo pastor"²⁵.

Progressivamente, a educação jesuítica passou a privilegiar os filhos dos colonos, diminuindo-se paulatinamente esse primeiro movimento em prol da educação musical dos indígenas em moldes luso-católicos.

Conclusão

A música ocupava um lugar muito importante na tradição dos indígenas, os primitivos habitantes do território brasileiro. Também os primeiros colonos vindos de Portugal tinham um espírito musical bastante desenvolvido.

Em ambas as culturas, ritmos sagrados e profanos se completavam normalmente.

Ao chegarem ao Brasil em meados do século XVI, os jesuítas passaram a exercer não apenas a missão evangelizadora, mas também a ação moralizadora da nova colônia.

Com relação a esse segundo aspecto, procuraram os religiosos coibir o mais possível a utilização de músicas populares consideradas profanas. Apesar de seus bons propósitos moralistas, dificultaram desse modo a formação de uma cultura musical luso-brasileira de tradição popular.

²⁴ CARDIM, Fernão, o. c., p. 190.

²⁵ CARDIM, Fernão, o. c., p. 176-177.